

diálogos



no espaço democrático

**Nosso desenvolvimento
depende da**

EDUCAÇÃO INFANTIL



Conversa com

HELOÍSA OLIVEIRA

Economista, especialista
em políticas sociais e diretora de
Relações Institucionais da
Fundação Maria Cecília Vidigal.



diálogos no espaço democrático são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD

UM DESAFIO BRASILEIRO: INVESTIR NA PRIMEIRA INFÂNCIA PARA REDUZIR A POBREZA

Crianças com até seis anos de idade são a primeira grande janela de oportunidade para o desenvolvimento de uma nação, diz **Heloísa Oliveira**, diretora de Relações Institucionais e Governamentais da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal em entrevista ao programa “*Diálogos no Espaço Democrático*”, produzido em junho de 2021 pela TV da fundação do PSD e disponível em seu canal de Youtube (https://youtu.be/f_DAf7zMDQ0).

“O investimento na primeira infância reduz a possibilidade de propagação da pobreza para a geração seguinte”, explica Heloísa: “É nesta etapa da vida que o cérebro tem a sua maior capacidade de absorção”.

Economista especialista em políticas sociais, governança corporativa e relações governamentais, Heloísa, que atua há cerca de 20 anos no aprimoramento das leis e das políticas públicas para crianças, foi entrevistada pelo jornalista **Sérgio Rondino**, âncora do programa de entrevistas e debates, juntamente com o coordenador de Relações Institucionais do Espaço Democrático, **Vilmar Rocha**, o economista **Luiz Alberto Machado**, o cientista político **Rubens Figueiredo** e a secretária nacional do PSD Mulher, **Ivani Boscolo**.

Esta publicação traz a íntegra daquele diálogo. Boa leitura.



SÉRGIO RONDINO - Olá. Em um dos recentes programas *Diálogos no Espaço Democrático*, o economista José Márcio Camargo comentou que não haverá redução da desigualdade no Brasil apenas com programas de renda básica - Bolsa Família ou coisas do gênero -, nem mesmo apenas com desenvolvimento econômico. A desigualdade social no Brasil, diz ele, só será superada na medida em que tivermos programas de valorização do conhecimento da nossa população. Em suma: enquanto não agregarmos educação e conhecimento às nossas crianças, à nossa população, a situação de desigualdade permanecerá. Foi pensando nisso que nós decidimos tratar, neste programa, da educação infantil no Brasil. E para isso nós convidamos uma especialista no assunto, que é Heloísa Oliveira. Ela é diretora de Relações Institucionais e Governamentais da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal. Economista, é especialista em políticas sociais, governança corporativa e relações governamentais. Bem-vinda ao Espaço Democrático, Heloísa Oliveira.

HELOÍSA OLIVEIRA - Muito obrigada, eu é que agradeço a oportunidade de estar aqui nesse diálogo. É uma honra para nós estar aqui com vocês.

SÉRGIO RONDINO - Participam conosco desse programa os seguintes consultores e colaboradores do Espaço Democrático: **Luiz Alberto Machado**, economista; **Vilmar Rocha**, professor da Universidade Federal de Goiás, ex-deputado federal e diretor de Relações Institucionais do Espaço Democrático; **Ivani Boscolo**, senadora suplente pelo PSD de São Paulo e secretária nacional do PSD Mulher; e o cientista político **Rubens Figueiredo**.

Heloísa, no Brasil, pouco mais de 30% das crianças de zero a três anos estão em creches. E, pior que isso, ainda temos mais 320 mil crianças com quatro, cinco anos, fora da pré-escola. Diante disso, até pensei para esse programa no seguinte título: "Educação infantil: retrato de um fracasso brasileiro". Eu começo perguntando se esse título está certo ou não passa de um exagero. E por quê?

E NA EDUCAÇÃO INFANTIL A GENTE TEM DUAS ETAPAS: A DA CRECHE, UMA ETAPA QUE, EMBORA SEJA UM DIREITO DAS FAMÍLIAS, NÃO É OBRIGATÓRIA - A ESTIMATIVA, DE ACORDO COM O PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, É QUE CERCA DE 50% DAS FAMÍLIAS DEMANDEM VAGAS EM CRECHE -, E A ETAPA DA PRÉ-ESCOLA, ESSA SIM OBRIGATÓRIA - E A GENTE TEM O DESAFIO DE ATENDER MAIS DE 320 MIL CRIANÇAS QUE ESTÃO FORA DA PRÉ-ESCOLA.

HELOÍSA OLIVEIRA - Eu diria que esse não é o melhor título. Se eu tivesse que atribuir um título a esse nosso diálogo eu diria que a educação infantil é um grande desafio brasileiro. Por que eu digo que não é um fracasso e sim um grande desafio? Não é um fracasso porque a educação infantil passou a fazer parte da educação básica na Constituição de 1988. Até então, a educação infantil não integrava a educação básica - não era obrigatória. E na educação infantil a gente tem duas etapas: a da creche, uma etapa que, embora seja um direito das famílias, não é obrigatória - a estimativa, de acordo com o Plano Nacional de Educação, é que cerca de 50% das famílias demandem vagas em creche -, e a etapa da pré-escola, essa sim obrigatória - e a gente tem o desafio de atender mais de 320 mil crianças que estão fora da pré-escola.

Então, nós tivemos avanços nos últimos anos, desde a Constituição de 1988. Na década de 1990, avançamos, a gente vem avançando no atendimento. Já deveríamos ter universalizado a pré-escola, não conseguimos universalizar até 2016, como estava previsto. Então, eu diria que temos muito o que fazer para de fato alcançar o atendimento de toda a demanda de creche e universalizar a pré-escola. Portanto, é um grande desafio.

LUIZ ALBERTO MACHADO - Até o governo Fernando Henrique tínhamos graves problemas, tanto de ordem quantitativa, como de ordem qualitativa na nossa educação. Durante a gestão do ministro Paulo Renato praticamente resolvemos a questão quantitativa, conseguindo índices de acesso ao ensino básico comparável ao de uma série de países desenvolvidos. A questão qualitativa, porém, jamais conseguiu um sucesso comparável. Até que ponto a pandemia agravou ainda mais essa situação?



HELOÍSA OLIVEIRA - Luiz Alberto, você fez referência a um marco histórico, eu acho, da educação, que foi a gestão do ministro Paulo Renato no governo Fernando Henrique. O ministro Paulo Renato promoveu um grande movimento de acesso à educação, promoveu a descentralização da gestão da educação, criou o Fundef, que foi o precursor do Fundeb, que é o principal mecanismo de financiamento da educação. Com esse movimento, ele garantiu que os recursos constitucionais previstos para a educação fossem geridos e distribuídos pelo número de matrículas e fossem separados dos recursos do Tesouro, ou seja, geridos fora do caixa único do município, dos Estados.

Esse foi um movimento muito importante para garantir a questão do acesso, como você muito bem disse. Mas ainda persistem questões importantes relativas à quantidade e aí eu gostaria de

mencionar um ponto importante: para melhorar a qualidade é preciso medir a qualidade. Você não melhora absolutamente nada que você não consegue medir. Nós temos, no Brasil, um instrumento muito importante, vinculado à educação, que é o INEP (*Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira*). O Inep é um importante instrumento para auxiliar no aprimoramento da qualidade da educação, pois fornece importantes estatísticas, precisas, para auxiliar os gestores na melhoria da qualidade.

Na educação infantil, temos um desafio maior nessa área porque ainda não há um modelo nacional de avaliação da qualidade. Nós, da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, estamos promovendo, em parceria com o laboratório LEPES (*Laboratório de Estudos e Pesquisas em Economia Social*), da Universidade de São Paulo, de Ribeirão Preto, um

estudo nacional de avaliação da qualidade da educação infantil, por município, das cinco regiões brasileiras, utilizando uma metodologia internacional que foi adaptada para a realidade brasileira. Nós precisamos avançar na avaliação da qualidade da educação infantil porque não basta só resolver os problemas de acesso que temos.

Não dá ainda para avaliar todos os efeitos da pandemia no desenvolvimento emocional e cognitivo das nossas crianças. Estudos preliminares já apontam para o atraso de cerca de até dois anos de aprendizagem. Além dos aspectos de estresse e de ansiedade que, somados à insegurança financeira das famílias, formam um quadro extremamente preocupante da realidade brasileira. Temos poucos estudos, mas alguns especialistas já vêm mostrando alguns dados bastante preocupantes nesse sentido.



VILMAR ROCHA - Professora Heloísa, a nossa fundação, o Espaço Democrático, é do PSD, Partido Social Democrático. Nas últimas eleições o nosso partido fez o terceiro maior número de prefeituras no Brasil, mais de 600. Os Estados e municípios, sobretudo os municípios, estão bem do ponto de vista fiscal, sobretudo na educação. Primeiro,

porque gastaram menos agora na pandemia, com transporte escolar, alimentação etc. E, segundo, porque a arrecadação dos municípios subiu. Grande parte dos recursos para o enfrentamento da pandemia vieram da União. Então, eles têm dinheiro, têm recursos, têm espaço financeiro para investir na educação. Se a senhora fosse prefeita de uma cidade do Brasil hoje, com essas condições, quais as três medidas prioritárias que implementaria para melhorar a qualidade do ensino infantil?

HELOÍSA OLIVEIRA - Bom, primeiro é preciso saber onde estão as crianças da primeira infância. Na primeira infância nós temos duas etapas da educação: a de zero a três anos, que são o público de creches, e a de quatro e cinco anos, que é pré-escola. É preciso que essas crianças já estejam - principalmente as de pré-escola - matriculadas numa escola. É preciso fazer uma busca ativa dessas crianças. Então, eu faria uma busca ativa para saber onde estão para que, mesmo durante a pandemia, estejam matriculadas. De forma que a escola esteja fornecendo material, os professores estejam em contato com essas crianças, oferecendo atividades. Para que elas não estejam descoladas da escola e não estejam completamente desligadas do processo educacional. Afinal, nós estamos num ano letivo. Então, para a pré-escola, faria busca ativa e prepararia os professores para atuar nesse processo, levando até as famílias conteúdos, material para que as famílias trabalhem com as crianças nos ambientes familiares.

Ao mesmo tempo, usando recursos que o senhor está me assegurando que temos no município, eu prepararia as escolas para um retorno seguro. Ou seja, é preciso que as escolas estejam preparadas, com protocolos de segurança sanitária, pessoas treinadas. Por uma volta segura. Então, usaria os recursos e deixaria as escolas preparadas, porque no momento em que as autoridades sanitárias ga-

rantirem que podemos voltar com segurança, nós já teremos as escolas preparadas.

Priorizaria a vacinação dos profissionais de educação, para que estejam protegidos para voltar a atuar nas escolas presencialmente. Porque, de modo geral, os pais e mães precisam trabalhar. E quando você não tem todas as atividades fechadas, se as famílias não têm com quem deixar as crianças e precisam trabalhar - porque a sua atividade retornou à normalidade, se trabalha numa loja ou numa empresa -, a escola é um ambiente seguro para manter a criança. Então, é preciso, sim, pensar numa volta à escola de forma segura.

Mas os professores reivindicam, e têm toda razão, um ambiente seguro de retorno. Tanto com protocolos sanitários quanto com vacinação. Eu faria essas medidas num primeiro momento, já que estamos em um período de pandemia, e trataria principalmente de aproveitar esse momento que estamos vivendo uma nova realidade para conhecer melhor as famílias que têm crianças pequenas, fazendo um trabalho de georreferenciamento das famílias. Saber onde estão as famílias que têm crianças pequenas, até para conhecer melhor as vulnerabilidades sociais do meu município.



IVANI BOSCOLO - A pandemia evidenciou o potencial das ferramentas eletrônicas de comunicação em ensino. No entanto, evidenciou também

que nem os alunos, nem os professores estão devidamente preparados para usufruir de todo o potencial dessas ferramentas. Quais seriam, na sua opinião, as políticas adequadas para superar essa falha de capacitação de docentes e alunos?

HELOÍSA OLIVEIRA - A pandemia fez com que todos nós tivéssemos de nos reinventar. E isso aconteceu de forma muito marcante com os professores, que nem sempre contam com a conectividade nas escolas e com a disponibilidade da tecnologia. E sabem que também, de outro lado, os alunos também não contam com essas facilidades. Nesse ponto entra uma outra questão que está muito presente: as desigualdades sociais se fazem ainda mais evidentes durante a pandemia. Ou seja, os efeitos da pandemia se fazem muito mais presentes para as famílias mais vulneráveis. Enquanto os alunos das escolas mais equipadas e que contam com acesso às tecnologias têm melhor desempenho, os alunos das famílias mais vulneráveis muitas vezes ficam sem acesso aos conteúdos educacionais e são muito mais afetados.

Um estudo feito tempos atrás apontou que cerca de 60% das crianças de seis anos não tinham acesso aos conteúdos. Foi um levantamento - não uma pesquisa feita por uma universidade -, mas a gente sabe que a desigualdade aumentou. E para a pré-educação infantil, isso traz um desafio adicional porque a tecnologia, para as crianças pequenas, deve ser usada para orientar as famílias nas atividades com as crianças, principalmente as menores. A sociedade brasileira de pediatria não recomenda deixar crianças pequenas expostas a telas - sejam de computador, de televisão, de smartphone - por muito tempo. E não deixar sem a supervisão de um adulto. Portanto, mesmo que a família disponha de tecnologia, não é recomendável que as atividades sejam feitas pela criança sozinha, de frente para a tela. São sempre conteúdos voltados para a família.



A PANDEMIA FEZ COM QUE TODOS

NÓS TIVÉSSEMOS DE NOS REINVENTAR. E ISSO ACONTECEU DE FORMA MUITO MARCANTE COM OS PROFESSORES, QUE NEM SEMPRE CONTAM COM A CONECTIVIDADE NAS ESCOLAS E COM A DISPONIBILIDADE DA TECNOLOGIA. E SABEM QUE TAMBÉM, DE OUTRO LADO, OS ALUNOS TAMBÉM NÃO CONTAM COM ESSAS FACILIDADES. NESSE PONTO ENTRA UMA OUTRA QUESTÃO QUE ESTÁ MUITO PRESENTE: AS DESIGUALDADES SOCIAIS SE FAZEM AINDA MAIS EVIDENTES DURANTE A PANDEMIA.



No começo da pandemia, no ano passado, por volta de maio, nós preparamos um guia de brincadeiras para auxiliar as famílias que se viram, de repente, numa realidade nova, 24 horas com as crianças em casa e não sabiam mais que atividades fazer com as crianças. De modo geral, as famílias que tinham crianças que iam para creche ou pré-escola estavam acostumadas a levar as crianças para a escola e pegar no fim do turno escolar. E, de repente, a criança estava o tempo todo em casa; e a criatividade com brincadeiras se esgotou. Então, nós criamos um guia de atividades com coisas que as famílias podiam fazer, com objetos e coisas que tinham em casa facilmente, sem coisas sofisticadas, mas brincadeiras simples que inclusive fazem parte da cultura popular brasileira. Para auxiliar as famílias nesse momento. A educação infantil tem essas características que são diferentes das outras etapas da educação básica.



RUBENS FIGUEIREDO - Doutora Heloísa, a pandemia trouxe um desafio enorme para as escolas, para os professores, para os alunos e para os pais e mães dos alunos que passaram a ter aulas através do computador, em suas casas. O que a senhora acha que o Brasil aprendeu com essa experiência? Nesse período em que a educação digital funcionou, houve alguma perda substancial do ponto de vista do aprendizado das nossas crianças?

HELOÍSA OLIVEIRA - Eu acho que a pandemia trará muitas perdas sociais e econômicas que ainda não são possíveis de dimensionar na totalidade. E trouxe desafios enormes para os professores, escolas, alunos e famílias. Nós fizemos recentemente, em parceria com a Undime, que é a União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação, um edital para reconhecer experiências e boas práticas de professores de educação infantil de todo o País. Nós queríamos reconhecer 100 práticas. Ficamos surpresos com a riqueza de experiências que chegaram de diferentes partes do Brasil. Foram centenas de experiências que nos foram con-

tadas, com histórias lindas de professores que se reinventaram e criaram formas de se conectar e de ensinar para as crianças.

Eu acho que sempre aprendemos alguma coisa. E creio que um aprendizado que fica da pandemia é de nos mantermos conectados - as escolas e os professores principalmente - com as famílias. Porque nesse momento a escola teve que se conectar com a família. O *Whatsapp* tem sido a principal ferramenta de comunicação da escola com os pais e as famílias. Eu acho que esse é um legado da pandemia que a gente deve manter, essa conexão com a família. A perda de aprendizagem vai ocorrer e é preciso, depois disso, depois de passada a pandemia, a gente ter um plano muito robusto de recuperação desse tempo, de recuperação desse *gap* de aprendizagem, que certamente vai ocorrer na pandemia e que vai ser diferente, dependendo do nível socioeconômico das crianças.



LUIZ ALBERTO MACHADO - Vou fazer duas perguntas - mas uma é bem objetiva, pensando





nos interesses da fundação, e sobretudo do partido, do PSD. Esses materiais produzidos pela Fundação Maria Cecília Souto Vidigal estão disponíveis se os nossos prefeitos quiserem utilizar? Como eles podem fazer? E a outra pergunta: James Heckman, que foi professor da Universidade de Chicago, ganhou o prêmio Nobel de Economia em 2000 fazendo estu-

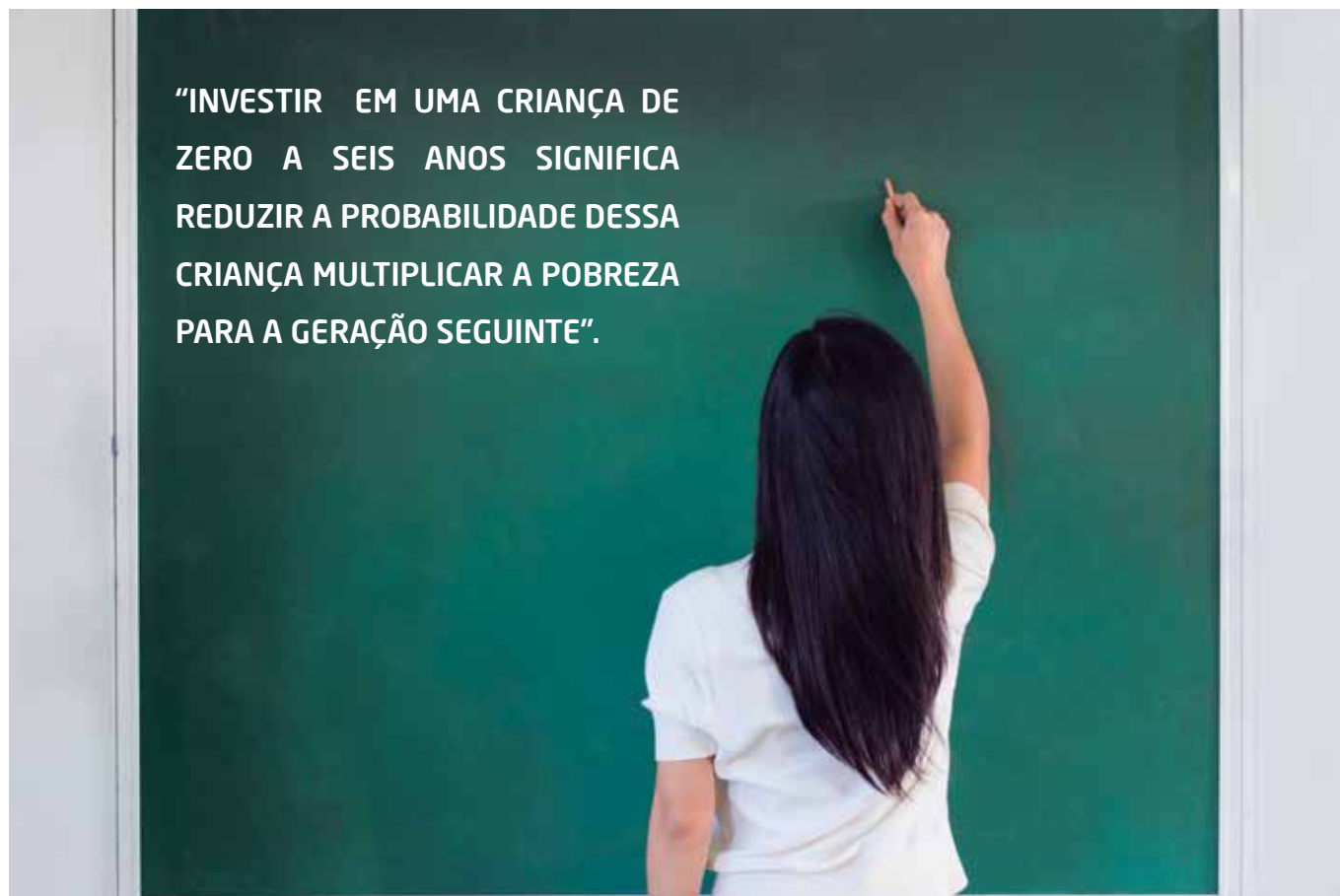
dos da economia da educação. Ele demonstrou que o investimento feito no ensino infantil é aquele que oferece maior retorno econômico. No entanto, no Brasil, durante muito tempo, nós tivemos, proporcionalmente, gastos maiores com educação superior e pós-graduação do que com ensino infantil e ensino básico. Essa situação continua assim ou melhorou?

A PRIMEIRA INFÂNCIA É, SEM SOMBRA DE DÚVIDA, A PRIMEIRA GRANDE JANELA DE OPORTUNIDADE DE INVESTIMENTO NO DESENVOLVIMENTO DA PESSOA. É NESSA ETAPA DA VIDA QUE SE FORMA 90% DO CÉREBRO DA PESSOA. OU SEJA, É QUANDO A PESSOA TEM A MAIOR CAPACIDADE DE ABSORÇÃO, É QUANDO ESTÁ SE FORMANDO O CÉREBRO, QUANDO ELA MAIS ABSORVE TUDO O QUE FOR ENSINADO. ENTÃO, É UMA GRANDE OPORTUNIDADE, É UMA ÓTIMA ETAPA PARA INVESTIR NA PESSOA.

HELOÍSA OLIVEIRA - Vou começar pela primeira pergunta. A partir do ano passado, das eleições municipais, a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal iniciou um projeto voltado para os municípios. Chamamos esse projeto de "Primeira Infância, Primeiro nos Municípios". Nosso objetivo foi priorizar os municípios na nossa estratégia, entendendo que é nos municípios que as políticas se materializam para as famílias e para as crianças. Então, criamos uma plataforma que se chama "Primeira Infância Primeiro" e ela pode ser acessada por meio do site da fundação, que são as iniciais da fundação: www.fmcsv.org.br. Ou ela pode ser acessada, também, se escrever, junto, primeirainfanciaprimeiro.fmcsv.org.br. Ali tem uma página para cada município, com indicadores relacionados à primeira infância, organizados por área. Tem indicadores demográficos, de saúde, de parentalidade, cuidados com a criança, indicadores de nutrição, de educação infantil e de proteção.

Esses indicadores já são uma referência para os municípios olharem como estão as crianças de zero a seis anos. Além disso, nós desenvolvemos vários materiais para auxiliar os municípios na elaboração das políticas. Desenvolvemos material sobre como começar as políticas para as áreas de educação, saúde, assistência social, gestão e orçamento. Ali tem o passo a passo do que cada município deve fazer. No caso da educação, como olhar para a demanda, como está a sua rede, como está a capacitação dos professores. É um guia muito simples. Está on-line, pode ser baixado pelos técnicos do município. É muito simples, numa linguagem acessível.

Além desse material, nós desenvolvemos também um outro que é voltado para parcerias com entidades sem fins lucrativos. Porque um dos principais desafios do município é como abrir novas vagas para creches. Muitas vezes não tem espaço ou não tem recursos para construir novas creches. Então, um caminho é fazer um convênio -- antigamente era chamado de convênio, mas com a nova



lei do Marco Legal das Organizações Sociais, o marco regulatório, são parcerias. Ali mostra como cada município pode fazer essa parceria com organização filantrópica para ofertar novas vagas. Então, é um manual muito simples também, que orienta o município sobre como fazer essa parceria.

Além disso, estamos preparando um curso em parceria com a Enap. Nós vamos disponibilizar esse curso na plataforma virtual da Escola Nacional de Administração Pública, sobre como o município pode criar um programa de primeira infância num plano plurianual de 2022 a 2025. Então, estamos querendo ajudar os municípios a implementarem as políticas de primeira infância. O PSD, que elegeu mais de 600 municípios, pode contar com esse material e com esse apoio para impulsionar suas políticas para a primeira infância.

Agora, indo para segunda resposta, a primeira infância é, sem sombra de dúvida, a primeira grande janela de oportunidade de investimento no desenvolvimento da pessoa. É nessa etapa da vida que se forma 90% do cérebro da pessoa. Ou seja, é quando a pessoa tem a maior capacidade de absorção, é quando está se formando o cérebro, quando ela mais absorve tudo o que for ensinado. Então, é uma grande oportunidade, é uma ótima etapa para investir na pessoa. Isso foi o que balizou os estudos do professor James Heckman, e isso nos inspira até hoje. Todos os estudos dele nos inspiram e há também outros estudiosos de primeira infância.

Alguns estudos mostram não apenas essa equação econômica, mas também a relação disso, do investimento na primeira infância com a redução da pobreza. Investimento na primeira infância tem o poder de reduzir a pobreza intergeracional. Se você

investe numa criança de zero a seis anos, você vai reduzir a probabilidade dessa criança multiplicar a pobreza para a geração seguinte. Ou seja, investir em uma criança de zero a seis anos significa reduzir a probabilidade dessa criança multiplicar a pobreza para a geração seguinte. Isso é um ponto.

O outro ponto é de mitigar a necessidade de investimentos com redução de violência na adolescência, evasão escolar. Porque se investimos no desenvolvimento pleno dessa criança, na capacidade, também garantimos que ela chegue para a etapa seguinte da vida com a plena condição de absorver todos os conhecimentos e ensinamentos que vão lhe ser apresentados. Então, é muito importante compreender a importância de olhar para a primeira infância com esse olhar do investimento, da oportunidade - acima de tudo da oportunidade.

E falando sobre como o Brasil tem feito esses investimentos, de fato a educação infantil não tem tido atenção estratégica como política pública. E é preciso investir mais e com qualidade na educação infantil. Eu acho que parte disso se dá porque há um desequilíbrio entre as forças federativas. A educação infantil é de responsabilidade dos municípios, e no modelo federativo o município acaba tendo menos força e, portanto, na distribuição dos recursos, a educação infantil não é tão privilegiada.

Eventualmente, acho que também há uma relação com o fato de que criança não vota. Criança pequena não vota. Acho que tem um pouco disso, dessa visão equivocada de que investir no jovem, no adulto, dá mais visibilidade para o investimento. É um público que vai enxergar o investimento e, portanto, é voto assegurado. Acho que tem uma série de fatores que podem eventualmente contribuir para uma decisão de investimento. Mas eu acho que, sem sombra de dúvida, é preciso mostrar todos esses aspectos da importância, da oportunidade, do quão estratégico é investir na primeira infância, para que a gente corrija essa distorção.



SÉRGIO RONDINO - Esse quadro que você está traçando, Heloísa, se não é o retrato de um fracasso, no mínimo pode ser o caminho para um fracasso se continuarmos nessa toada e nesse desequilíbrio. O Vilmar Rocha pediu a palavra. Vilmar, por favor.

VILMAR ROCHA - Dois pontos: primeiro, como anda a formação de professores para o ensino infantil? E número dois: como a gente vai lidar com uma provável evasão escolar mais forte pós-pandemia? Muita gente que saiu da escola não vai voltar; muita gente que não foi para a escola, não vai.

HELOÍSA OLIVEIRA - O caminho da formação é seguir a Base Nacional Comum Curricular. A Base Nacional Comum Curricular da educação infantil é uma grande referência porque trata a educação infantil como deve ser tratada. Não é apenas para o letramento, para a alfabetização. Ela é para o desenvolvimento da criança. Olha para todas as dimensões do desenvolvimento da criança. Então, não é preparar para a alfabetização, é muito mais do que isso.



Existem caminhos para preparação dos professores. Primeiro, exige a base nacional, já aprovada, já preparada, pronta. Existe a formação para adaptação dos currículos municipais - primeiro estaduais e municipais para a educação infantil - e a preparação para a formação dos professores. Nós estamos com uma parceria com a Undime e temos o objetivo, este ano, de fazer a formação de professores em parceria com mil municípios. Porque se temos uma base nacional nova, precisamos atualizar a formação dos professores. Esse é um processo que precisa ser priorizado pelos municípios. E nós nos comprometemos, junto com a União Nacional de Dirigentes Municipais de Educação, auxiliar nisso. Auxiliar os municípios nessa formação. Então, os instrumentos existem, estamos dispostos a auxiliar os municípios nisso.

A forma de lidar com a evasão na educação infantil é busca ativa. Depois que passar a pandemia, se hoje a gente já tem 320 mil crianças da pré-escola - de quatro, cinco anos - fora da escola, provavelmente vai ter muito mais. Então, o prefeito de cada cidade vai precisar saber onde estão as crianças de quatro, cinco anos. Ele vai precisar saber se as famílias que mais precisam de creche sabem que há vagas em creche e que elas têm direito a essa vaga.

Nós fizemos um estudo, doutor Vilmar, que está disponível nessa plataforma, que chamamos de Índice de Necessidade de Creches. Esse estudo foi feito com pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina com base em três grupos de famílias pobres - com crianças pequenas, famílias monoparentais, ou seja, famílias geral-

mente chefiadas por mulheres, e famílias cujas mães são economicamente ativas ou seriam se houvesse vaga em creche.

Estimamos a demanda por vagas em creche em cada município a partir de estudos demográficos e metodologias de projeção demográfica em cada município. Então, cada prefeito tem nesse estudo uma estimativa de qual o percentual de crianças desses três grupos existe no município dele. Digamos que o percentual desses três grupos - que são famílias que provavelmente precisam de creche - seja de 50% e o prefeito tem um atendimento menor. Significa que há famílias precisando de creche e que provavelmente nem sabem que têm direito a essa vaga. Portanto, é preciso conhecer: campanhas divulgando, saber, conhecer qual é a rede. Ele tem vagas ociosas? Não tem? O que ele dispõe para ampliar? Porque essa não é uma equação muito simples. Para ampliar a oferta é preciso ter a vaga disponível e é preciso conhecer a demanda e atender, principalmente, prioritariamente, quem mais precisa. Então, acho que, após a pandemia, teremos esse desafio.

E eu havia me esquecido de um material adicional que nós também colocamos nessa plataforma, que é o Desafio do Retorno às Aulas com a Pandemia. Tem esse material adicional também. Ou seja, são muitos desafios, mas estamos todos juntos para cooperar e para apoiar os municípios nesse processo, afinal, esse desafio é de todos nós.

SÉRGIO RONDINO - Heloísa, eu quero agradecer muito a sua participação. Ao trazer os seus conhecimentos para a fundação Espaço Democrático, você está colaborando para que ela cumpra o seu papel, que é o de estudar os problemas brasileiros e também de formação política, não só de seus militantes, mas de todos aqueles que se interessarem pelos temas daqui. Eu lhe dou um tempinho para o seu recado final.

HELOÍSA OLIVEIRA - Eu gostaria de agradecer novamente essa oportunidade de estar aqui, de poder falar com as pessoas ligadas à fundação, ao partido, e também com os prefeitos eleitos pelo PSD, que é um número muito expressivo. Gostaria de recomendar que acessem a nossa plataforma, acessem esses materiais, consultem. Eu asseguro que serão muito úteis. Observem esses indicadores. Na área de educação infantil há uma riqueza de informações. Todos esses indicadores são públicos, indicadores muito úteis para a gestão do município. Recomendo que olhem para a primeira infância como uma área prioritária. E acredito que não vão se arrepender porque eu entendo que um projeto político não é um projeto de quatro anos, é o projeto de uma vida. E investir na primeira infância é um bom projeto para uma vida, um bom começo para quem estiver começando ou mesmo que não esteja começando. É uma boa decisão para um projeto de vida. E nós, da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, temos muito material, muito conteúdo sobre a primeira infância à disposição dos prefeitos, à disposição da fundação. E estamos sempre à disposição para retornar e para poder falar com vocês, para dialogar. E agradecemos novamente essa oportunidade.

SÉRGIO RONDINO - Muito obrigado, Heloísa e amigos colaboradores do Espaço Democrático. Até o nosso próximo programa.



<p>Presidente Alfredo Cotait Neto</p> <p>Coordenador Nacional de Formação Política Raimundo Colombo</p> <p>Coordenador Nacional de Relações Institucionais Vilmar Rocha</p> <p>Secretária Ivani Boscolo</p> <p>Diretor Superintendente João Francisco Aprá</p>	<p>Conselho Consultivo</p> <p>Presidente Guilherme Afif Domingos</p> <p>Conselheiros Alda Marco Antonio André de Paula Antonio Anastasia Cláudio Lembo Georgiano Neto Otto Alencar Ricardo Patah</p>	<p>Conselho Superior de Orientação</p> <p>Presidente Gilberto Kassab</p> <p>Conselheiros Antonio Brito Belivaldo Chagas Carlos Massa Ratinho Junior Domingos Aguiar Neto Guilherme Campos Letícia Boll Vargas Omar Aziz Robinson Faria Samuel Hanan</p>
---	---	--



www.espacodemocratico.org.br